

UMA ANÁLISE DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA INFÂNCIA A PARTIR DO USO DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

Bruna Gomes Pereira de Castro¹
Rita de Cássia Alves de Lima Silva²
Rafaela de Lima Costa³
José Severino da Silva⁴

RESUMO

Este artigo traz uma análise acerca da aprendizagem de Língua Inglesa na infância a partir do uso dos signos peirceanos na esfera escolar. Para efetuar nossa análise, detalhamos os conceitos de signo, sua relação com o objeto e o interpretante, bem como sua atuação na semiose. Destacamos que tais conceitos versam sobre a aprendizagem através dos signos sob uma abordagem que nos permite deliberar alternativas para uma melhor perspectiva de ensino de Língua Inglesa na infância, por destacar o processo de aprendizado a partir das relações simbólicas que a imagem proporciona ao aprendiz através dos signos não verbais. Também demonstramos que o trabalho docente tem grande influência durante essa fase da aprendizagem, pois os métodos de ensino contribuem de maneira significativa para o envolvimento dos educandos durante as aulas, refletindo assim na aprendizagem significativa. Para isso, apresentaremos teorias que comprovam que a infância é uma das melhores fases para que a aprendizagem de um segundo idioma seja estimulada, pois as crianças, na fase inicial da educação escolar, estão bem mais predispostas a aprender “o novo”, pois a curiosidade e a vontade de saber mais faz com que a criança consolide o conhecimento adquirido e o insira em seu cotidiano

Palavras-chave: Aprendizagem na Infância. Língua Inglesa. Signos Peirceanos.

INTRODUÇÃO

Na infância, a criança possui melhores condições para desenvolver suas aptidões, tanto de convivência social como de desenvolvimento de suas potencialidades, e por isso, aprender um segundo idioma torna-se mais fácil:

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, bruunagcastro@hotmail.com;

² Graduada do Curso de Licenciatura plena em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, rita.alves.lima@outlook.com;

³Graduada do Curso de Licenciatura plena em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, limarafaela241@gmail.com;

⁴Professor Orientador- Professor do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA. Especialista em Processos Educacionais e Gestão de Pessoas – FAINTVISA. Mestre em Educação Tecnológica pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE. E- mail: jspedagogo@gmail.com;

Resultados científicos comprovam que existem períodos críticos na organização de determinadas funções superiores pelo sistema nervoso. Seres humanos conseguem aprender línguas em qualquer idade, mas crianças pequenas que ainda não falam sua língua materna ou que estão em estágios iniciais dessa aprendizagem estão mais predispostas a perceberem os sons de outra língua, distinguindo nuances que se tornam difíceis de serem discriminadas mais tarde” (PÉRISSE, 2006).

No processo de aprendizagem da criança existem alguns mecanismos chamados de “janelas”, que funcionam por um período biológico e finito de tempo, para que algumas tarefas sejam executadas com precisão. Esse prazo para execução de determinadas tarefas está ligado diretamente ao processo de evolução maturacional do Sistema Nervoso Central (SNC). A partir de tal processo evolutivo, podemos considerar que nos anos iniciais da educação escolar, a criança pode aprender a Língua Inglesa (LI) com mais eficiência, uma vez que quando o processo maturacional do SNC vai se consolidando, a aprendizagem de um novo idioma tende a se tornar mais difícil.

Mediante estudos a respeito do tema, verificamos que nesse processo maturacional o uso dos signos semióticos são de grande importância para o ensino de Língua Inglesa na infância, por proporcionar a construção de sentido através da imagem. O estudo semiótico também é desenvolvido diante da relação mútua entre significado e significante, no qual a criança absorve o conteúdo normativo de ensino através do lúdico, em um processo caracterizado pela maneira de exibição que um determinado conteúdo é apresentado em sala de aula pelos professores.

Ao nos defrontarmos com ensino de Língua Inglesa nos anos iniciais da educação infantil, é necessário que façamos uso da semiótica para produzir uma maior significação, pois o ensino torna-se muito mais interativo e acaba conduzindo o sujeito (aluno) a uma presença mais ativa e empolgante na aula, já que a associação imagem x palavra, demanda menos esforços para que haja a compreensão do conteúdo que é abordado nas aulas de LI.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para produção deste estudo é de cunho bibliográfico, no qual a coleta de informações foi feita por meio da observação e análise de diversos conceitos oferecidos por livros que discorrem sobre o contexto abordado neste artigo. Segundo Gil (2008), a pesquisa de natureza bibliográfica é feita a partir do estudo de produções já publicadas por outros autores, cujo objetivo é causar a reflexão sobre uma determinada situação ou problemática.

Para isso, optamos pela metodologia da Semiótica Peirceana, também conhecida como Ciência Geral dos Signos, uma vez que diante da relação da aprendizagem com a significação que as imagens proporcionam, a Semiótica busca analisar os sistemas de interpretação que são representados através da imagem.

Assim, demonstraremos como os signos peirceanos são capazes de desenvolver e otimizar o aprendizado de Língua Inglesa na infância, e apresentaremos algumas situações onde os signos semióticos estão presentes e contribuem para o desenvolvimento e à aprendizagem da criança na Educação Infantil em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

A APRENDIZAGEM INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA

A aprendizagem faz parte de nossa vida desde a infância. Após o nascimento, nossas capacidades cognitivas vão sendo ampliadas, e começamos, gradativamente, a interagir com o meio que nos cerca através das interpretações sensoriais e visuais. Mais tarde, começamos a revelar nossos desejos diante de algumas situações e a contrariar imposições, demonstrando assim uma evolução racional, cognitiva e emocional (VIGOTSKI, 2007).

É durante a infância que a criança desenvolve de forma gradual suas percepções e aprendizados mediante os estímulos que são aguçados pelo tato, audição e visão, possibilitando a elas perceber as formas, cores e sons que os objetos possuem. Nessa fase, a criança não tem receios de expor suas dúvidas e curiosidades a respeito dos assuntos e situações que a cercam, e por isso a aprendizagem de um segundo idioma se torna mais fácil, uma vez que “as crianças tem uma predisposição inata para aprender línguas” (FIGUEIRA, 2008, p. 52).

O ensino de Língua Inglesa (LI) nos anos iniciais da Educação Infantil é extremamente importante e requer uma atenção maior por parte da escola no tocante aos métodos de ensino que serão empregados para promover tal aprendizagem, onde “[...] o professor é precisamente um ‘facilitador’ da apropriação, do processo” (MARTINEZ, 2009, p. 10).

Na escola, além de facilitar o aprendizado do conteúdo normativo, os professores devem desenvolver seu trabalho de maneira que as práticas educacionais contribuam para que

os alunos desenvolvam integralmente suas habilidades e competências, pois ao ingressarem na Educação Infantil, as crianças tem o primeiro contato com o ambiente escolar e os professores, e por isso é imprescindível que a criança seja estimulada a desenvolver suas habilidades e competências de maneira integral.

Para o ensino, o uso de recursos didáticos contribui de forma significativa na aprendizagem da criança, facilitando a compreensão do conteúdo:

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil. Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança [...] (BRASIL, 1998, p. 23).

Diante disso, o professor, ao propiciar o aprendizado fazendo uso de recursos didáticos com dinâmicas em suas aulas, não dispensa nem tão pouco negligencia a conduta educativa, mas promove o equilíbrio entre o lúdico e o conteúdo normativo de ensino, possibilitando uma aprendizagem eficaz e proporcionando à criança uma relação prazerosa com a escola, os professores e com seus colegas de sala.

PROCESSO DE ATUAÇÃO DOS SIGNOS NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA INFÂNCIA

Mas como os signos peirceanos atuam diante do aprendizado de Língua Inglesa na infância?

Tomemos como exemplo as seguintes situações ilustrativas: Numa aula de LI, a professora pede para os seus alunos fazerem um desenho e mostra-lhes a imagem de uma boneca. A professora não diz em momento algum que aquele objeto que foi mostrado é uma boneca, apenas refere-se ao objeto através da palavra *Doll*. Prontamente as crianças começam a desenhar, e, alguns minutos depois a atividade está pronta. A boneca que foi desenhada pelos alunos é o signo, ou seja, a representação de um objeto já visto anteriormente, e não o objeto real. Nesta fase, o signo passa a ter um significado interpretativo diante das crianças e caracteriza-se como **Sinsigno**, pois o que elas fizeram foi reproduzir uma imagem mental associada ao objeto (*Doll*), de forma que tal reprodução, ao ser vista por elas resulta num

significado que induz à assimilação de que aquela representação possui similitude com o objeto verdadeiro. Logo, assim que a professora mostrar novamente tal objeto, haverá instantaneamente uma associação entre ele e sua representação lexical, que liga diretamente o signo ao seu interpretante e é representado na relação triádica pelo **Rema**.

Mais adiante, num segundo momento, a professora pede para as crianças pintarem o objeto (*Doll*) que foi desenhado. Nesta etapa onde o desenho adquire detalhes, novas cores e características particulares, o signo muda de estágio e passa a ser **Qualisigno**.

Num terceiro momento, a professora dá às crianças tinta e uma tela em branco e pede para que o objeto (*Doll*) que foi desenhado anteriormente seja reproduzido através da pintura. Os detalhes e características que estão ligados à imagem da boneca já estão fixados na mente das crianças (mente interpretadora), e, a partir dessa fase, o **Legissigno** atua na aprendizagem da criança.

Dados esses exemplos, dentre inúmeros outros que poderíamos adotar como meio comparativo, notamos que nas atividades escolares os signos peirceanos atuam diretamente diante da percepção feita pela criança com relação a imagem, possibilitando o aprendizado permanente. Isso porque, na infância, a imagem é interpretada por um conjunto de procedimentos visuais na esfera expressiva como um agrupamento sistematizado e produtivo capaz de prender a atenção e assim desenvolver de forma eficaz o aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OS SIGNOS PEIRCEANOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO

Para melhor entendimento do processo de semiose na aprendizagem, daremos uma breve definição acerca de cada componente que constitui a tríade peirceana. São eles:

O **Qualisigno**, que pode ser entendido como as particularidades inerentes ao signo. Por exemplo, a imagem de uma flor tem suas particularidades: detalhes, cor e formato. Essas características compõe o signo, independentemente dele ser compreendido e interpretado por alguém. Nessa fase, o signo existe sem precisar de uma mente interpretadora para inferir sentido a ele.

O **Sinsigno**, é a fase que o signo passa a existir a partir de uma mente interpretadora. Nesta etapa, o signo é notado e provoca interpretações em quem o identifica. Deste modo, a imagem da flor deixa de ser um simples rabisco, para ser a representação de uma flor real.

O **Legissigno**, é a etapa que o signo passa a ter padrões diante da mente interpretadora. Assim, esses padrões são reconhecidos e podem ser interpretados de diversas formas pela psique de quem o observa. Agora, os detalhes, cor e formato que estavam presentes na flor, passam a ser padrões preestabelecidos àquela imagem.

O **Ícone** representa o objeto de forma muito vaga, sugerindo a ele apenas características que servirão de referenciais ao signo. Por essa razão, os ícones são signos sucessores, ou imagens que sustentam um vínculo de similitude com a realidade que foi representada. Tomemos como exemplo algumas das características da flor: ela é irregular e possui cor vibrante. No entanto, o fato de alguém desenhar traços irregulares e os pintarem de cores vibrantes, não demonstra o que de fato significaria a representação da flor. O desenho que foi feito pode remeter à representação do que seria a flor, mas, também pode ser a representação de algum objeto irregular que possui cor vibrante. A relação icônica está justamente no fato de provocar inúmeras possibilidades interpretativas diante da representação de um signo.

O **Índice** é o signo que possui uma ligação concreta ou perceptível com o um determinado objeto. Por isso, o índice é entendido como uma expressão espontânea que chama a atenção da mente interpretadora para relacionar a situação em que objeto está inserido. Agora, tomemos como exemplo a seguinte situação: Uma pessoa limpa o piso de sua casa, que por sinal é branco. Alguns minutos depois, a pessoa nota que há uma pegada de lama neste mesmo piso. Esta pegada não está sugestionando que alguém passou pela casa e sujou o piso, ela está indicando de maneira notória que alguém passou por ali com os sapatos sujos e fez tal ação. Em outras palavras, o índice trata-se do signo que permite uma conexão entre o objeto e o imagético, prendendo e despertando a atenção de seu intérprete.

O **Símbolo** é o signo que representa o seu objeto como algo que possui uma interpretação completa e generalizada. Por exemplo, a palavra mesa é um símbolo, pois ela não designa uma mesa em específico, ela pode ser qualquer mesa existente, isto porque não foi atribuído para essa mesa em questão nenhuma característica ou qualidade que a distinguisse das demais.

O **Rema** é o signo que funciona como um interpretante e seu significado não é limitado a nenhum outro signo. Os signos verbais, (adjetivos, verbos, substantivos, etc), mesmo distantes de qualquer contexto em que estão inseridos, são considerados remas. Tomemos como exemplo o verbo “comer”. Quando nos deparamos com tal verbo afastado de seu enquadramento sintático, ficamos com dúvidas em relação à prática da ação: “Quem comeu?”, “Quando comeu?”, “Onde comeu?”. Assim, o rema é o signo que não expõe exclusivamente uma única situação interpretativa para um único sujeito.

O **Discente** também é um signo que atua como interpretante, mas ele assume papel destinado à estrutura do signo, alegando acontecimentos e trazendo informações com mais concretude. Por exemplo, na frase, “A mulher de Pedro comeu.”, a estruturação sintática permite que o interpretante obtenha uma informação mais completa, sem restar muitas dúvidas com relação à ação praticada.

O **Argumento** é a junção de uma sequência de assuntos que geram o raciocínio dedutivo organizado precisamente mediante duas premissas anteriores, das quais resulta em uma terceira premissa que leva-nos à conclusão sobre um determinado conceito ou objeto. Nesta etapa, o signo assume o que Aristóteles (1989) chama de silogismo, pois o processo de interpretação “é uma locução em que, dadas certas proposições, algo distinto delas resulta necessariamente, pela simples presença das proposições dadas. Por simples presença das proposições dadas entendo que é mediante elas que o efeito se obtém; [...]” (P. 18-22).

Estes signos ainda estão subdivididos mediante os fatores de primeiridade, secundidade e terceiridade. Na tabela abaixo, formulamos uma síntese das categorias dos signos e sua organização hierárquica, para podermos exemplificar melhor a maneira que cada um encontra-se distribuído. Cada signo será definido a partir da sua relação com o objeto e seu interpretante:

Tabela 2: Processo ilustrativo das subdivisões dos signos por categoria hierárquica

Tríade ➡	Do Signo em si mesmo	Do signo em relação ao objeto	Do signo em relação ao seu interpretante
Nível Hierárquico ↓			
Primeiridade	O Qualisigno é um signo por seus atributos particulares e sua essência única.	O Ícone possui a capacidade de representar o objeto por ter semelhança com ele.	O Rema possui significado e não depende de nenhum outro signo.

Secundidade	O Sinsigno é um signo por si só. Ímpar, restrito.	O Índice pode representar o objeto por possuir vínculo de contingência natural com ele.	O Discente traz uma junção entre sujeito e predicado, deixando claro o sentido do signo e trazendo informações mais completas.
Terceiridade	O Legissigno é um signo que existe devido a uma obrigatoriedade ou por uma regra que deve ser seguida.	O Símbolo representa o objeto devido a regras ou normas preestabelecidas.	O Argumento faz a junção de proposições mediante três discentes. Se assemelha ao silogismo.

A TRÍADE PEIRCEANA: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO SIGNO

O processo de aprendizagem é efetivado por um conjunto de competências que se desenvolverão de acordo com os estímulos e práticas advindas do meio no qual o indivíduo encontra-se inserido. Segundo Peirce (2008), a conexão que cria o significado interpretativo em nossa mente, e conseqüentemente formula o aprendido, dá-se através do signo (*representamen*), que produz a imagem mental do objeto (a coisa) e proporciona uma nova ideia que associamos a este mesmo objeto. Diante dessa abordagem, o signo é a interpretação de algo que a mente humana foi capaz de ressignificar através de representações:

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa mediata ou determinante é o signo da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada de interpretante. (PEIRCE, apud SANTAELLA, 2007, p.58)

Assim, o signo é compreendido como o toda e qualquer forma representativa de um objeto ou coisa. Por isso, para elucidarmos o processo de aprendizagem através dos signos, é necessário entendermos de que maneira a imagem participa da construção de sentido, e por quais meios ela promove a aquisição de conhecimento através da conexão ótica que somos capazes de fazer. Dessa forma, os signos dividem-se em classificações, que são ilustradas através do processo triádico sugerido por Peirce (2008). Observemos o quadro abaixo:

Tabela 1: Quadro das tricotomias dos signos sugeridas por Peirce

Signo 1° Em si mesmo	Signo 2° Com seu objeto	Signo 3° Com seu interpretante
Qualisigno	Ícone	Rema
Sinsigno	Índice	Discente
Legsigno	Símbolo	Argumento

Fonte: PEIRCE apud SANTAELA, 2007, p.62

Através do quadro das relações triádicas, a semiótica peirceana discorre sobre os três componentes que constituem o signo; sendo eles: o signo em si mesmo, o signo em relação ao objeto, e o signo em relação ao seu interpretante.

É a partir de tais mecanismos que a criança consegue captar os significados implícitos que encontram-se nos exercícios escolares, sejam eles normativos ou interacionais. Em tais atividades, os signos peirceanos atuam e são capazes de desenvolver não só a interpretação, como também o desenvolvimento de várias competências cognitivas e sensoriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo foi demonstrar que o processo de semiose participa ativamente na construção de sentido nas aulas de Língua Inglesa dos anos iniciais da educação infantil por meio dos signos peirceanos. Isso nos permitiu compreender que, ao fazer o uso apenas das palavras, seja através do discurso ou dos textos normativos, o professor delimita as ações cognitivas das crianças, o que acaba tornando a aula tediosa e cansativa, e por isso, o uso da Semiótica, nas aulas de LI é de suma importância, uma vez que somente as palavras acabam se tornando insuficientes para o aprendizado satisfatório e o envolvimento do aluno durante as aulas.

Destacamos também que a infância é o melhor momento para que a aprendizagem de um segundo idioma seja estimulada, e que as influências advindas do contexto educacional escolar refletem diretamente na eficácia de tal aprendizagem.

Desse modo, acreditamos que este artigo seja de grande utilidade para aqueles docentes que tem o cuidado de ir além do processo de ensino, pois as teorias que foram abordadas neste trabalho discutiram sobre meios para que os docentes compreendam que na

infância, uma fase tão importante na vida, aprender um novo idioma a partir de um código linguístico diferente do convencional, significa construir aprendizagens sólidas.

REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. **Prior Analytics**. Traduzido e comentado por Robin Smith. Indianápolis: Hackett, 1989.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIGUEIRA, Cristina Dias de Souza. Crianças alfabetizadas aprendendo língua estrangeira. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; BASSO, Edcléia Aparecida. (Org.) **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores**. São Carlos: Claraluz, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINEZ, Pierre. **Didáticas de Línguas Estrangeiras**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PÉRISSE, Paulo M; GARBOGGINI, Iruska; VIEIRA, Wanja. **“Língua estrangeira: quando e como começar?”**. Disponível em: <://www.editoradimensao.com.br/revistas/revistas45_trecho.htm>. Acesso em 07 out. 2018

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.